



O FRACASSO DA METAFÍSICA UMA EXEGESE DE ALGUMAS PASSAGENS DA *PSICOLOGIA* DAS VISÕES DE MUNDO DE KARL JASPERS

Gerson Brea

Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ/ UnB)
Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília

RESUMO: Metafísica é um conceito fundamental no pensamento de Karl Jaspers. Isso fica claro em sua primeira grande obra filosófica *Philosophie* (1932), principalmente no terceiro volume, intitulado *Metaphysik*. Em sua última preleção, Jaspers retoma novamente o tema, discutindo mais uma vez as ideias de “cifras”, de “transcendência”, do “ser em fracasso”. Entretanto, já em 1919, em seu livro *Psicologia das Visões de Mundo*, o conceito de metafísica aparece em momentos decisivos. Não obstante, permanece nebuloso, impreciso ou até mesmo ambíguo o que Jaspers pretende indicar com essa expressão. O objetivo final do artigo é apresentar a ideia de “metafísico” nessa obra em que, embora oscile entre filosofia e psicologia compreensiva, Jaspers já introduz os principais elementos de sua filosofia da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica. Karl Jaspers. Visão de Mundo. Situação-limite. Filosofia da Existência.

ABSTRACT: Metaphysics is a fundamental concept in Karl Jaspers' thinking. The third volume of his first great philosophical work, *Philosophie* (1932), was entitled *Metaphysik*. And in his last lecture, Jaspers takes up the theme again, discussing the ideas of “ciphers”, “transcendence”, “being in failure”. However, already in 1919, in his book *Psychology of World Views*, the concept of metaphysics appears in crucial moments. Nevertheless, it remains nebulous, vague or even ambiguous what Jaspers is trying to indicate with this expression. The ultimate goal of the article is to present the idea of “metaphysical” in this work in which, although oscillating between philosophy and understanding psychology, Jaspers already introduces the key elements of his philosophy of existence.

KEYWORDS: Metaphysics. Karl Jaspers. World View. Boundary Situations. Philosophy of Existence.

Filosofia do Fracasso – esse é o título de um artigo sobre a filosofia de Karl Jaspers, escrito por Herbert Marcuse (1933). Trata-se de uma expressão um pouco provocante, mas também acertada. De um lado, o fracasso representa um papel central na filosofia de Jaspers; de outro, sua própria filosofia parece permanecer constantemente ameaçada a fracassar. É uma filosofia que pode ser entendida como uma constante crítica e destruição de *soluções* para a “inquietude” que determina a existência humana; mas, também, como um pensamento que acredita na liberdade e que busca incessantemente a comunicação.

Esse ensaio dedica-se exclusivamente à obra *Psicologia das Visões de Mundo* (1919), considerada por muitos como um marco inicial na Filosofia da Existência¹. Não nos interessa aqui, entretanto, expor todos os passos e explicações desse extenso e intenso estudo. O que pretendemos é, basicamente, esclarecer alguns momentos fundamentais e decisivos, a fim de esboçar o que Jaspers entende por “metafísica”. Para isso, dividiremos o nosso trabalho em quatro partes. Na primeira, introduziremos a ideia de “cisão-sujeito-objeto”, mostrando como essas reflexões, inicialmente de ordem meramente metodológica e entendidas como um “ponto de vista sistemático”, enveredam para uma explicação da “situação fundamental” do ser humano; já na segunda parte, aprofundaremos a análise dessa “situação fundamental”, indicando os esforços do homem para superá-la e promovendo uma constante “inquietude”; já na terceira parte, após apresentar a ideia de “situações-limite”, pertencente à própria condição humana e vinculadas à sua “situação fundamental”, nos debruçaremos sobre as “imagens de mundo” e a ideia de “clausura” como algo em que o homem procura segurança e “apoio” diante das “situações-limite” e de sua “inquietude” originária; finalmente, dispoindo dos elementos das partes anteriores, tentaremos compreender o significado de “metafísico”, analisando, principalmente, a “imagem de mundo metafísica” e, por fim, o fenômeno da “separação” entre dois “mundos”.

¹ A obra *Psychologie der Weltanschauungen* (JASPERS, 1960) gerou diferentes reações por parte de diversos pensadores tanto da filosofia como da psicologia. Entre eles, merece destaque a leitura crítica e acurada que Martin Heidegger fez dessa obra. Suas “Notas sobre ‘Psicologia das Visões de Mundo’ (1919/1921), de Karl Jaspers”, publicadas pela primeira vez em 1973 e depois incluídas na coletânea *Marcas do Caminho*, do próprio Heidegger, expõem diversas ambiguidades, imprecisões e até mesmo confusões no trabalho de Jaspers. Heidegger sugere algumas alterações e mostra grande interesse pela ideia de “situações-limite”. Além disso, essas “notas” revelam a importância do estudo da obra de Jaspers no desenvolvimento de suas próprias reflexões e “desconstruções”, que culminarão em sua obra *Ser e Tempo* (1927).

1. A “cisão-sujeito-objeto” é um conceito central da *Psicologia das Visões de Mundo*², Não obstante, Jaspers não define claramente o que pretende designar com essa expressão. A “cisão-sujeito-objeto” [Subjekt-Objekt-Spaltung] é concebida primeiramente como um “pensamento sistemático fundamental” (JASPERS, 1960, p. 14, nossa tradução)³: “A oposição entre sujeito e objeto é tão eficaz para caracterizar as possíveis posições que a utilizaremos como principal ponto de vista e como veículo para avançarmos sistematicamente.” (JASPERS, 1960, p.23)⁴. Se nos concentrarmos somente nesse significado que surge logo no início da obra, perceberemos rapidamente que Jaspers parece sugerir aqui uma forma de perspectivismo, indissociável de toda e qualquer “contemplação psicológica” [psychologische Betrachtung]. De fato, por toda a parte em suas análises – sejam das “atitudes”, das “imagens de mundo” ou da “vida do espírito”, as três grandes partes que compõe o livro – encontramos uma espécie de advertência metodológica: por mais que se empenhe em superar “pressupostos” [Voraussetzungen], toda “contemplação”, toda análise, todo estudo depara-se constantemente com intransponíveis barreiras. O fenômeno, ou seja, aquilo que está diante de nós, é sempre contemplado a partir de uma determinada perspectiva e constantemente determinado por preconceitos. Em outras palavras, um ponto de vista neutro é simplesmente impossível quando tentamos compreender as “visões de mundo”. Certamente “gostaríamos de sair, de saltar por cima de nós mesmos, de encontrar, de certo modo, um ponto de Arquimedes fora da relação-sujeito-objeto, de conquistá-las [as visões de mundo, GB] como objeto em sua totalidade.” (Ibid., 1960, p.19).⁵ Todavia,

² Trata-se de um conceito presente em praticamente todos os estudos posteriores de Jaspers e que mereceria um estudo mais aprofundado. Principalmente a partir de meados da década de 30, a ideia de “cisão-sujeito-objeto” torna-se cada vez mais fundamental em seu pensamento.

³ “Systematische Grundgedanken”: esse é o título do terceiro parágrafo da “Introdução” (p. 14ss) à obra de Karl Jaspers, *Psychologie der Weltanschauungen*, de 1919. Neste ensaio estaremos utilizando a quinta edição (sem modificações), de 1960. Seguem abaixo alguns critérios que utilizamos na elaboração do texto:

a) Por uma questão prática (ou até mesmo estética!) deixaremos de acrescentar nas citações a expressão “nossa tradução”, uma vez que todas as passagens da referida obra foram traduzidas pelo autor do artigo;
 b) No trabalho de tradução cotejamos as traduções italiana e espanhola (v. Referências Bibliográficas);
 c) A fim de que o leitor possa identificar rapidamente a linguagem de Karl Jaspers, optamos por destacar os principais conceitos e expressões empregados, colocando-os repetidamente entre aspas. As palavras originais alemãs correspondentes foram inseridas, entre colchetes, apenas em sua primeira aparição. Os textos originais das citações mais longas foram colocados em notas de rodapé.

⁴ “Der Gegensatz von Subjekt und Objekt ist so wirkungsvoll zur Charakteristik der möglichen Positionen, daß wir ihn als Haupt Gesichtspunkt und als Vehikel systematischen Fortschreitens benutzen werden.”

⁵ “Wir möchten also aus uns heraus, über uns selbst wegspringen, gleichsam einen archimedischen Punkt außerhalb aller Subjekt-Objekt-Verhältnisse finden, diese in ihrer Totalität zum Gegenstand gewinnen.”

permanecemos sempre presos em algum tipo de “cisão-sujeito-objeto”, da qual nunca conseguiremos sair sem tomarmos outro ponto de vista, ou seja, sem nos metermos em outro modo de “cisão-sujeito-objeto”.

Mas isso não é tudo. Permanentemente estamos expostos ao perigo de “confundirmos o objeto de nossa contemplação com nós mesmos enquanto contempladores, nossa experiência própria com nosso mero olhar” (Ibid., p.22)⁶. A fim de caracterizar de modo mais contundente suas considerações, Jaspers recorre ao fenômeno da “mística”. Isso não ocorre por acaso, já que justamente aqui, na vivência mística, ocorre uma supressão da dicotomia sujeito-objeto, ou seja, algo radicalmente distinto de uma análise perscrutadora de um objeto. Uma coisa é a vivência do místico, outra a vivência daquele que exerce uma “mera contemplação” [bloÙe Betrachtung] dessa vivência mística. “Enquanto [...] aquele que vivencia misticamente obtém talvez uma fórmula metafísica e afirma uma realidade suprassensível, nós somente contemplamos a realidade que é vivida por ele desse modo.” (Ibid., p.22)⁷. Nesse tipo de exame objetivante das vivências de outros seres humanos deparamo-nos com barreiras que não se deixam transpor. Por mais cuidadosa e atenta que seja a “contemplação”, a compreensão encontra aqui seus limites. Assim, qualquer análise, qualquer “compreensão” [Verstehen] ou “explicação” [Erklären] contém apenas determinados elementos, deixando de lado aquilo que seria acessível “somente na medida em que nós mesmos vivemos, em que nós mesmos somos místicos, enquanto estamos nós mesmos completamente fora da contemplação” (Ibid., p.22)⁸.

Nesse sentido, a expressão “cisão-sujeito-objeto” aponta para o fato de que, assim que o indivíduo lança seu olhar para algo com a intenção de conhecê-lo, pensá-lo ou tematizá-lo, ocorre inevitavelmente uma “objetivação” [Vergegenständlichung] e, para Jaspers, um aprisionamento desse algo dentro de certos parâmetros, de certos pontos de vistas e perspectivas. Justamente por isso, uma “contemplação” – e, também, uma “visão” ou “imagem de mundo” – que se propõe correta, única e total ignora ou até mesmo nega seus próprios limites, estando condenada a ser “dogmática” [dogmatisch] e “totalizante” [totalisierend].

⁶ “Es liegt immer sehr nahe, den Gegenstand unserer Betrachtung mit uns selbst als den Betrachtenden, unsere Selbsterfahrung mit unserem bloÙen Zuschauen zu verwechseln.”

⁷ “Während aber der mystisch Erlebende selbst vielleicht eine metaphysische Formel gewinnt und eine übersinnliche Realität behauptet, in der er, aus sich heraustretend, existiert hat, betrachten wir nur die Realität, daß er so erlebte; d. h. für uns ist das Mystische als Erlebnis ohne Subjekt-Objekt-Spaltung doch Erlebnis eines Subjektes.”

⁸ “[...] sondern nur sofern wir selbst leben, selbst Mystiker sind, selbst ganz auÙerhalb aller Betrachtung stehen.”

Inicialmente vista basicamente como um “ponto de vista sistemático” [systematischer Gesichtspunkt], a ideia de “cisão-sujeito-objeto” torna-se um elemento essencial nos esforços de Jaspers para caracterizar a “situação” [Situation], bem como para expressar uma espécie de posicionamento originário da existência humana. O ser humano nunca se encontra só, mas sim rodeado por outros entes – objetos, indivíduos, natureza. “Cisão-sujeito-objeto” é o título que é dado – já na *Psicologia das Visões de Mundo* – ao lugar em que ocorre o encontro do homem com as coisas. Referindo-se nesse contexto a Kant, Jaspers afirma: “Nós podemos somente saber e experienciar dentro da cisão-sujeito-objeto. [...] só apreendemos o finito, porque apreendemos o objetivo” (JASPERS, 1960, p.396)⁹.

Com a ideia “cisão-sujeito-objeto”, Jaspers não pretende somente apontar para o caráter finito do comportamento epistêmico do homem em relação ao mundo e a si mesmo. Esse “pensamento fundamental” [Grundgedanken] indica um “fenômeno originário” [Urphänomen] da vida humana: viver significa *sempre-estar-inserido-na-cisão-sujeito-objeto*¹⁰. Não há como o ser humano escapar de *estar-inserido*, fugir do fato de que ele não está só no mundo, de que sempre se encontra em “situações”, ou seja, em alguma ligação com aquilo que não é ele mesmo.

Não podemos perder de vista essa constatação se quisermos evitar um mal-entendido, provocado de certa forma pela falta de rigor e precisão do próprio Jaspers em sua exposição¹¹. “Cisão-sujeito-objeto” não é o mesmo que “relação-sujeito-objeto”. Antes, esta parece se fundar naquela. Quando falamos de relações entre duas coisas, entre eu e mundo, entre sujeito e objeto, entre isso e aquilo, já pressupomos a existência dessas duas coisas, bem como do fato delas se encontrarem em uma “cisão” [Spaltung]. Não fosse assim, não seria necessário, mais do que isso, não faria sentido falar em relação. Não haveria algo *diante* de nós, mas sim uma absoluta “unidade-sujeito-objeto” [Subjekt-Objekt-Einheit]¹².

⁹ “Wir können nur wissen und erfahren innerhalb der Subjekt-Objekt-Spaltung. [...] immer nur Endliches, weil Gegenständliches erfassen.”

¹⁰ “In dem Erlebnisstrom ist das Urphänomen eingebettet, daß das Subjekt Objekten gegenübersteht. Unser Leben verläuft in dieser Subjekt - Objekt - Spaltung. In ihr allein ist für uns alle Mannigfaltigkeit.”

¹¹ Já nos referimos, logo no início desse ensaio, a esse tipo de problema, tão comum nesta obra de Jaspers. Sobre a passagem em que Jaspers se dedica particularmente à discussão da “cisão-sujeito-objeto”, ou seja, no terceiro parágrafo da *Psicologia das Visões de Mundo*, Heidegger observa: “O §3 (p. 14-31) só poderá ganhar uma formulação que corresponda ao sentido dos fenômenos, se for submetida a uma investigação de princípio.” (HEIDEGGER, 2008, p. 55). Heidegger não explica, todavia, o que significaria aqui “uma investigação de princípio” [eine prinzipielle Untersuchung].

¹² Como ocorre, para Jaspers, na experiência mística.

Ainda no que diz respeito à “relação”, Jaspers, novamente nos remetendo a Kant, observa a existência aqui de certas temáticas, como “as formas de objetividades”, cujo estudo seria tarefa de uma investigação transcendental que, por sua vez, pertenceria ao campo da lógica.

A análise transcendental dessas formas é exercida pela lógica e pelas ciências análogas. Para o conhecimento do espírito humano tais análises não são interessantes, assim como uma análise da água e suas propriedades não são interessantes para o conhecimento da vida. Ou poderia ser comparada à morfologia geral em contraposição à morfologia concreta, fisiológica. Entretanto, assim como é preciso conhecer a água para praticar biologia, do mesmo modo precisa-se conhecer as análises transcendentais para praticar psicologia. [...] O “verdadeiro” e válido absolutamente das formas transcendentais é ao mesmo tempo o atemporal. Para a existência é relativamente indiferente, como o conhecimento matemático”. (JASPERS, 1960, p. 26)¹³

A “cisão-sujeito-objeto” é para Jaspers algo mais fundamental, mais originário, e antecede toda forma de objetividade e da própria existência das coisas. “Somente onde há cisão-sujeito-objeto pode haver tais formas; para tudo que se encontra fora dessa cisão não existe por definição.” (Ibid., p. 25s)¹⁴.

Portanto, essa concepção de “cisão-sujeito-objeto” sugere um espaço, um *situs*, uma “situação” primária que o ser humano não pode abandonar enquanto vive. Mesmo que Jaspers não afirme aqui de maneira tão contundente, poderíamos dizer que *estar-*

¹³ “Die Untersuchung dieser Formen treiben die Logik und die analogen Wissenschaften. Für die Erkenntnis des menschlichen Geistes ist solche Untersuchung nicht viel interessanter, als eine Untersuchung des Wassers und seiner Eigenschaften für die Erkenntnis des Lebens. Oder sie ist etwa der generellen Morphologie zu vergleichen im Gegensatz zur konkreten, physiologischen Morphologie. Aber wie man das Wasser kennen muß, um Biologie, so die transzendentalen Untersuchungen, um Psychologie zu treiben. [...] Das ‘Richtige’, absolut Geltende der transzendentalen Formen ist zugleich das Zeitlose. Es ist relativ gleichgültig für die Existenz wie die mathematische Erkenntnis.”

Embora não seja tema de nosso ensaio, é importante lembrar aqui o fato de Jaspers entender sua *Psicologia das Visões de Mundo* não como uma obra filosófica, mas, como o título revela, uma “psicologia”. Há diversas razões para isso. A principal tem a ver com um profundo descontentamento com a filosofia acadêmica de sua época. Já aqui, Jaspers insiste em criticar não somente aquelas filosofias que ignoram as questões existenciais, mas também todo tipo de “filosofia profética” [prophetische Philosophien], como diria Max Weber, que intencionam oferecer ao homem uma determinada interpretação e visão de mundo, uma fórmula de vida, um sistema de valores. Tal descontentamento, a propósito, foi compartilhado e revelado por Heidegger em sua primeira carta a Jaspers (HEIDEGGER; JASPERS, 1990).

Resumindo: na citada passagem, onde lemos “psicologia”, podemos tranquilamente traduzir por *filosofia*. Já com relação à “lógica”: mais tarde Jaspers desenvolverá uma interpretação um pouco distinta do papel da Lógica em sua filosofia. Isso ficará bem claro em sua obra, publicada em 1947, *Von der Wahrheit. Philosophische Logik [Da Verdade. Lógica Filosófica]*, que reúne reflexões já presentes em *Vernunft und Existenz* (1935) e *Existenzphilosophie* (1938) em que nos deparamos com uma compreensão da lógica enquanto “a ferramenta da comunicação pensante” [das Organon denkender Kommunikation] (JASPERS, 1991, p.7) e que busca distinguir as diversas “esferas” em que a verdade se manifesta.

¹⁴ “Nur wo Subjekt-Objekt-Spaltung besteht, kann es solche Formen geben, für alles nicht in dieser Spaltung befindliche gibt es sie dem Sinne nach nicht.”

em-uma-situação e *ser-inserido-na-cisão-sujeito-objeto* constituem a “situação-limite” [Grenzsituation] por excelência.

2. Com a indicação da “cisão-sujeito-objeto”, a “situação total” [Gesamtsituation], frequentemente chamada por Jaspers de “situação fundamental” [Grundsituation] do ser humano, ainda não está elucidada. Certamente, tudo que podemos conhecer e experimentar se encontra dentro dessa “cisão”. Entretanto, não podemos entender o homem como inserido de modo estático, imóvel, conformado nesse *situs*. Essa “cisão” surge, talvez, de uma constatação fenomenologicamente ainda mais essencial, mas que é apresentada por Jaspers apenas no final de seu estudo:

A situação fundamental do homem é que ele existe como ser finito e individual, e que é ao mesmo tempo consciente de algo universal, de uma totalidade. Está vinculado a sua forma de existência finita, mas não somente tem a pretensão à totalidade, como também experimenta a exigência de ser não meramente um indivíduo, mas também de obedecer a um universal, de ser membro de um todo. (Ibid., p. 379)¹⁵

Tal concepção, central também na filosofia posterior de Jaspers, fica ainda mais nítida em uma das últimas passagens da *Psicologia das Visões de Mundo*: “Nós vivenciamos em nossas atividades dentro da cisão-sujeito-objeto *algo que vai além*” (Ibid., p. 450, destaque nosso)¹⁶.

Expressões como essas – “pretensão de totalidade”, experiência de “não ser meramente um indivíduo”, e principalmente a ideia de *ir-além* – nos confrontam com um dos mais importantes, entretanto, mais difíceis elementos do pensamento de Jaspers. Não seria demasiado afirmar que grande parte de sua obra não passa de uma tentativa de desvendar e compreender as consequências dessa realidade. Que tipo de vivência é essa? Como e em quais situações experimentamos algo que vai além? Que algo é esse?

Jaspers não emprega em sua obra o conceito de *transcendência*, como o fará mais tarde, tentando precisar o que está em jogo aqui, mas, de outro lado, abrindo a porta para muitos mal-entendidos. O que ele pretende enfatizar nesse primeiro esboço

¹⁵ “Die Grundsituation des Menschen ist, daß er als einzelnes, endliches Wesen existiert, daß er aber zugleich eines Allgemeinen, einer Ganzheit sich bewußt ist. Er ist an seine endliche Daseinsform gebunden, macht aber nicht nur selbst strebend den Anspruch auf Totalität, sondern er erfährt auch die Forderungen, nicht ein bloß Einzelner, sondern gehorsam einem Allgemeinen, Glied eines Ganzen zu sein.”

¹⁶ “Wir erleben aber in der Tätigkeit innerhalb der Subjekt-Objekt-Spaltung etwas, das darüber hinaus geht.”

de sua filosofia da existência é o fato do homem constantemente tentar transpor os limites impostos pela “cisão-sujeito-objeto”. O “todo”, o “absoluto” e, principalmente, a “infinitude” são algumas das palavras frequentemente utilizadas nesse contexto por Jaspers. Não para designar uma substância, um determinado ente ou algo que existe em si, uma entidade divina ou um ser sobrenatural, mas para registrar esse movimento que faz parte da essência humana.

Jaspers está consciente de que, uma vez inseridos na “cisão-sujeito-objeto”, não estamos em condições de “dizer diretamente nada sobre esse todo, sobre a vida mesma” (JASPERS, 1960, p.326). No momento em que o nomeamos, aquilo que a princípio está fora da “cisão-sujeito-objeto” torna-se justamente uma coisa, ou seja, um objeto. Daí o grande dilema com que o homem é constantemente confrontado: como apreender o que é “inapreensível” [*unfaßbar*]? Como conceituar o que “não é conceituável” [*unbegreifbar*]? Como, finalmente, assimilar a vida como um todo?

Sempre que falamos dessa vida, observamos, depois, que tocamos apenas um elemento, algo enclausurado ou um processo de dissolução. Somente um procedimento indireto pode nos ajudar, ao menos, a ver o espaço em que essa vida está inserida, para que não pensemos, com essas construções, possuir já a vida mesma, e para que, com isso, aprendamos a ter, em todas as construções, nossa intenção ao todo. Na medida do possível, captamos esse inconceituável falsamente em conceitos que, em seu conjunto, como conceitos, são pensáveis em termos paradoxais e apenas na forma do método dialético. (JASPERS, 1960, p. 326)¹⁷

Nessa esfera, os conceitos não são, portanto, conceitos; e as palavras e “construções” utilizadas não designam algo existente, algo que esteja aí diante de nós – pois tudo que existe, existe apenas na “cisão-sujeito-objeto” –, mas são apenas modos de expressão, referências, indicações.

Estamos aqui, sem dúvida, diante de um fenômeno decisivo para compreender como Jaspers entende a existência humana. A “situação fundamental” é caracterizada por um constante “movimento”. Trata-se de um incessante “processo vital” [*lebendiger Prozeß*], de um permanente “vai e vem” [*Hin und Her*] do qual a vida humana não consegue se abstrair. Esse ininterrupto “movimento” em direção a um “todo”, a um

¹⁷ “Immer, wenn wir von diesem Leben gesprochen haben, bemerken wir nachher, daß wir doch nur ein Element, ein Gehäuseartiges oder einen Auflösungsprozeß, getroffen hatten. Nur indirektes Verfahren kann uns helfen, wenigstens den Raum zu sehen, in dem dieses Leben steckt, damit wir nicht meinen, mit den Gebilden schon das Leben selbst zu haben, und damit wir in allen Gebilden unsere Intention auf das Ganze zu haben lernen. Wir fassen, so gut es geht, dies Unbegreifbare fälschlich doch in Begriffe, die sämtlich als Begriffe paradox, nur in der Form der dialektischen Methode denkbar sind.”

“absoluto”, a algo que conceda sentido e significado às diversas situações em que nos encontramos, algo, finalmente, que nos ofereça um “apoio” [Halt], é responsável por uma “inquietação” primordial. O ser humano encontra-se “em processo, naquela inquietação como se o todo e universal fosse realmente alcançado por ele.” (JASPERS, 1960, p.380)¹⁸.

A “inquietação” a que Jaspers se refere aqui não deve ser confundida com um mero sentimento desagradável do qual somos, vez por outra, acometidos. Não se trata de uma inquietude passageira ou um estado psíquico de excitação e de estresse que pode ser combatido de alguma forma. Também não é uma dicotomia que poderia ser superada por alguma teoria. É, antes, uma tensão mais fundamental, independentemente se a sentimos ou não, uma vez que constitui o próprio existir humano. Viver significa encontrar-se nessa “inquietação”.

Expressões como “algo que vai além”, “inquietação”, “processo vital” ou “apoio” poderiam sugerir que Jaspers, depois de esboçar alguns momentos decisivos da existência humana, trouxesse-nos algumas indicações sobre como deveríamos agir diante de tal situação. Isso, todavia, não ocorre. Pelo contrário. Já no prefácio de sua *Psicologia das Visões de Mundo*, Jaspers deixa claro sua proposta:

[...] esse livro se propõe exclusivamente compreender quais últimas posições a alma assume, quais forças a movem. A visão de mundo fática permanece, ao contrário, tarefa da vida. Ao invés de dizer o que importa à vida, essa obra pretende oferecer tão somente esclarecimentos e possibilidades como meio para a auto-reflexão. Quem deseja uma resposta direta à pergunta “como se deve viver”, procurará em vão nesse livro. O essencial, que reside nas decisões concretas do destino pessoal, permanece inacessível. (JASPERS, 1960, p. VII)¹⁹

Por que querer deixar claro, antes de iniciar suas análises, que sua obra não pretende fornecer respostas à pergunta “como se deve viver”? Não é justamente isso que se espera de um estudo sobre “atitudes”, “imagens” e “visões de mundo”? Não é isso

¹⁸ “[...] ist im Prozeß, in jener Unruhe, als ob das Ganze und Allgemeine wirklich von ihm erreicht würde“.

¹⁹ “[...] in diesem Buch [wird] der Versuch gemacht, nur zu verstehen, welche letzten Positionen die Seele einnimmt, welche Kräfte sie bewegen. Die faktische Weltanschauung dagegen bleibt Sache des Lebens. Statt einer Mitteilung dessen, worauf es im Leben ankomme, sollen nur Klärungen und Möglichkeiten als Mittel zur Selbstbesinnung gegeben werden. Wer direkte Antwort auf die Frage will, wie er leben sollte, sucht sie in diesem Buche vergebens. Das Wesentliche, das in den konkreten Entscheidungen persönlichen Schicksals liegt, bleibt verschlossen.”

que aguardamos de alguém que se propõe debruçar-se sobre as “situações-limite” e a condição humana? Não, para Jaspers.

3. Jaspers desconfia de toda e qualquer promessa de respostas com relação ao modo como se deve viver, pensar, agir. Desde sua *Psicologia das Visões de Mundo* – ou até mesmo na primeira edição de sua *Psicopatologia Geral* (1913) – não é difícil perceber sua aversão a propostas que buscam oferecer um sentimento de segurança e incentivar a quietude diante das crises com as quais o ser humano se confronta²⁰. Antes, essas “pseudofilosofias” ou “filosofias proféticas”, como sugere Jaspers em seu *opus*, geram a falsa impressão de estarmos protegidos da contingência, de nossa finitude, de nossa fragilidade. Isso vale tanto para o “autoritarismo”, o “liberalismo”, o “absolutismo de valores”, como também para o “nihilismo”, o “ceticismo” e toda e qualquer forma de “racionalização”. Atuando assim, tais concepções nos oferecem, de alguma forma, um “apoio”. Todavia, elas nos afastam justamente daquilo que caracteriza a existência humana: as “situações-limite” [Grenzsituationen] como a “culpa” [Schuld], a “morte” [Tod], a “luta” [Kampf], o “acaso” [Zufall]. Em outras palavras, essas “filosofias” nos privam da experiência daquelas situações em que experimentamos nossa impotência; situações em que não é possível interferir, que não podem ser modificadas, refeitas, manipuladas; situações em que pressentimos como a vida é frequentemente determinada

²⁰ Sua obra *Psicopatologia Geral*, publicada inicialmente em 1913 e considerada, por muitos, como um marco na psicopatologia do século XX, não visa, a princípio, simplesmente expor sistematicamente – como um compêndio enciclopédico – as diferentes posições e resultados das pesquisas mais recentes, nem se propõe a apresentar um sistema teórico. Uma rápida leitura dos prefácios das diversas edições é suficiente para constatar a verdadeira intenção dessa obra. “[...] ao invés de expor resultados dogmáticos, procura sobretudo introduzir nos problemas, nas questões e métodos. Ao invés de um sistema fundado numa teoria, prefere oferecer uma disposição baseada em reflexões metodológicas.” (Prefácio da 1ª edição). Procura auxiliar o estudante “a elevar-se ao nível da ciência” (Prefácio da 2ª edição), pretende “servir aos médicos e a todos que lidam tematicamente com o homem”. (Prefácio da 4ª edição). Fazendo-nos recordar um pouco de motivos kantianos, Jaspers resume, na terceira edição de sua obra, sua proposta: “No dilúvio da ‘cascata’ psicopatológica, deve se aprender a saber o que se sabe e o que não se sabe, como, em que sentido e dentro de que limites se sabe alguma coisa, com que meios este saber foi adquirido e fundamentado.” (Prefácio da 3ª edição). E é justamente nesse contexto – com vista à indispensável clareza metodológica, quer dizer, sobre o modo que se obtém aqui conhecimento –, já em 1913, Jaspers introduz a ideia de “Fenomenologia” e mostra a fundamental importância da filosofia para a psicopatologia: “Apenas um desses campos [do conhecimento humano] destacamos devido a seu significado especial: a consciência metodológica adquirida através da educação filosófica”. Com a ajuda da filosofia e, em especial, da fenomenologia, Jaspers acredita estar em condições de se proteger da tendência de fazer uso acrítico de construções e explicações de fenômenos psíquicos, ou seja, de enfraquecer a carga teórica a qual se estão expostos o psicólogo e o psiquiatra, já como estudante. A filosofia atua assim como uma espécie de antídoto contra conclusões apressadas, etiquetagens precipitadas, assume a função de depuração e conscientização, mostrando, finalmete, os limites da própria ciência.

por fatores sob os quais não se tem poder algum, fatores que fogem ao cálculo, ao planejamento, ao controle; situações que se assemelham, como Jaspers esclarecerá mais tarde, em sua obra *Filosofia* (1932), a “um muro contra o qual colidimos” e “em que fracassamos”, uma vez que somos incapazes de transpô-lo, de destruí-lo, de contorná-lo. Na *Psicologia das Visões de Mundo*, Jaspers define situações-limite da seguinte maneira:

Essas situações que são sempre sentidas, experienciadas, pensadas nos limites de nossa existência, denominamos ‘situações-limite’. Comum a elas é o fato de que – sempre na cisão sujeito-objeto, no mundo objetivo-concreto – não há *nada sólido*, nenhum absoluto indubitável, nenhum apoio que ofereça firmeza e estabilidade a cada experiência e a cada pensamento. Tudo flui, está no constante movimento de ser-colocado-em-questão, tudo é relativo, finito, cindido em contradições, nunca o todo, o absoluto, o essencial.

Essas situações-limite como tais são insuportáveis para a vida, e assim quase nunca se apresentam em toda sua clareza a nossa experiência viva; de fato, quase sempre possuímos um apoio diante das situações-limite. Sem ele a vida cessaria. (JASPERS, 1960, p. 229)²¹.

O que caracteriza essas “situações-limite” é principalmente a ausência de alguma referência a um sentido. Diferentemente do que ocorre nas situações em que normalmente nos encontramos – e, para Jaspers, como sabemos, sempre nos encontramos em alguma espécie de situação –, em “situações-limite” não conseguimos mais vislumbrar um sentido, um fim, uma razão, um porquê. Não há mais “apoio”, algo que possa nos sustentar, algo em que possamos nos escorar. O que vivenciamos é uma total “ausência de apoio” [Haltlosigkeit]. Nas “situações-limite” não há mais nada. E, a princípio, nada que possamos fazer. Como reagir às situações-limite? Como encontrar um “apoio” nessa ausência total de “apoio”?

Essa é uma pergunta fundamental no pensamento filosófico de Karl Jaspers – já aqui na *Psicologia das Visões de Mundo*. Temos que ter isso em mente, por exemplo, quando procuramos entender o que significa “imagem de mundo” [Weltbild]. Sem considerar a “situação fundamental” do homem, ou seja, sem considerar que ele se

²¹ “Diese Situationen, die an den Grenzen unseres Daseins überall gefühlt, erfahren, gedacht werden, nennen wir darum ‘Grenzsituationen’. Deren Gemeinsames ist, daß – immer in der Subjekt-Objekt-Spaltung, der gegenständlichen Welt – nichts Festes da ist, kein unbezweifelbares Absolutes, kein Halt, der jeder Erfahrung und jedem Denken standhielte. Alles fließt, ist in ruheloser Bewegung des in Fragegestelltwerdens, alles ist relativ, endlich, in Gegensätze zerspalten, nie das Ganze, das Absolute, das Wesentliche.

Diese Grenzsituationen als solche sind für das Leben unerträglich, sie treten daher in restloser Klarheit fast nie in unsere lebendige Erfahrung ein, sondern wir haben faktisch fast immer angesichts der Grenzsituationen einen Halt. Ohne ihn würde das Leben aufhören.”

encontra constantemente inserido na “cisão-sujeito-objeto”, mas sempre *indo além* dela, tenderíamos a ver na exposição de Jaspers uma mera coletânea de distintas “imagens de mundo”, como se estivéssemos diante de uma enciclopédia. Tal tendência deve-se muito ao fato de Jaspers, não somente na discussão das “imagens de mundo”, mas por toda a obra, valer-se de uma linguagem e uma sistematização muito influenciada tanto pela psicologia como pela tipologia²².

“Imagens de mundo” são para Jaspers, antes de tudo, dimensões em que o ser humano experiencia a realidade. Isso quer dizer: as imagens de mundo nem são produto de uma reflexão consciente e, portanto, algo meramente subjetivo, nem simplesmente podem ser confundidas com alguma coisa externa, que não nos toca e com a qual podemos nos relacionar a gosto. Elas são, sim, algo que está enraizado dentro de nós; ou, melhor dizendo, algo em que estamos enraizados – enraizados de tal maneira que sem ele não poderíamos existir. Resumindo: existir significa constantemente criar e participar da “imagem de mundo”. Nesse contexto, o homem poderia ser definido como um ser que realiza ininterruptamente uma “imagem de mundo”; ou como um ser que é condenado à tarefa originária de sair constantemente de si, de *ir-além*, apreendendo as coisas e buscando um sentido para elas – um ser “formador de esferas” [sphärenbildend]²³. Essa é uma outra forma de expressar a “inquietação” originária da existência humana que se encontra nas raízes das “imagens de mundo”.

Jaspers vê o ser humano, primeiramente, envolto em duas “imagens de mundo” ou “esferas” básicas: a “sensitiva-espacial” [sinnlich-räumlich] e a “psíquica-cultural” [seelisch-kulturell]. Tanto sob o ponto de vista do espaço como com relação à cultura o

²² Podemos distinguir basicamente dois modos em que Jaspers emprega o termo. De um lado – e é nesse sentido que utilizaremos essa expressão em nossa discussão – as “imagens de mundo” designam três dimensões básicas, três “esferas” primordiais e fundamentais enquanto “condições e conseqüências da existência psíquica” [Bedingungen und Folgen der seelischen Existenz], ou seja, entendidas como a “totalidade dos conteúdos objetivos que um homem possui”. [die *Gesamtheit der gegenständlichen Inhalte*, die ein Mensch hat] (JASPERS, 1960, p. 140). De outro lado, o termo “imagens de mundo” serve para designar as muitas “imagens” particulares que brotam dessas três esferas, como: “imagem de mundo técnica”, “imagem de mundo romântica”, “imagem de mundo mecânico-natural”, “imagem de mundo mítico-anímica”, “imagem de mundo mitológico-demoníaca”, o “historicismo”, o “psicologismo” e assim por diante (Ibid., p. 154ss).

²³ JASPERS, 1960, p.25. “Esfera” [Sphäre] é um termo também utilizado para designar “imagem de mundo”, por exemplo, na seguinte passagem: “As três esferas não estão separadas, assim que um determinado objeto concreto seja visto e pesquisado contemplativamente. O mesmo objeto encontra-se em todas as três esferas [...]” [Die drei Sphären sind nicht getrennt, sobald ein bestimmter konkreter Gegenstand kontemplativ gesehen und untersucht wird. Derselbe Gegenstand liegt in allen drei Sphären [...]] (Ibid., p. 151). Ademais, é interessante observar – e isso poderia ser um tema para um estudo mais aprofundado (uma *esferologia*?) – a frequência com que Jaspers, já em sua *Psicologia das Visões de Mundo*, mas também em sua obra posterior (p.ex. em *Da Verdade. Lógica Filosófica*), recorrer-se à ideia de “esferas” a fim de explicar as diversas dimensões de “realidade” [Wirklichkeit].

homem não está simplesmente *no* mundo – entendido como o universo físico –, mas, sim, em *seu* mundo. Ele se encontra em um determinado lugar, em uma determinada região, em um determinado grupo de pessoas, em uma determinada situação histórica e econômica, em um *ethos* onde vive, habita, trabalha, diverte-se, sofre – enfim, em que existe. Esta paisagem, estes odores, estas comidas, estes hábitos, este ritmo, este tipo de construção, esta cor da terra, este clima – tudo aquilo que está ao seu redor, percebido e apreendido sensitivamente, constitui e determina uma “esfera”, uma “imagem de mundo” que Jaspers designa como primária, espontânea, vivida, e da qual brotarão outras dimensões da experiência com o mundo. “A *imagem de mundo vivida de uma forma imediatamente presente* é o ponto de partida para todas as outras.” (JASPERS, 1960, p.155)²⁴.

A existência humana não é, entretanto, simplesmente uma espécie de recipiente, que contém somente percepções sensitivas. O homem não apenas apreende, mas também, concomitantemente, “compreende” [verstehen] as coisas ao seu redor. Ele as vê em um contexto, relacionada-as uma com as outras, interpreta-as em seu sentido e significado. Este ato constante de “compreender” caracteriza aquela dimensão existencial que Jaspers chama de “imagem de mundo psíquico-cultural”. Não se trata, todavia, de compreensão no sentido de explicar ou fundamentar racionalmente e conscientemente os acontecimentos, as pessoas, as coisas com que lidamos. A “compreensão” deve ser entendida aqui como algo essencial que constitui os momentos mais diversos da vida. Como se comportar numa determinada situação? Para que serve isso ou aquilo? Como tratar com esse ou aquele problema? Como diferenciar entre o certo e o errado, entre o justo e o injusto, entre o humano e o desumano? O que significa este gesto? No dia-a-dia, evidentemente, não fazemos constantemente questionamentos desse tipo, pois tudo isso são atividades e desafios que de alguma maneira já sabemos e compreendemos. Como diria Jaspers:

Vivemos num mundo do compreendido e do compreensível, sem saber, acrílicos, sem nos controlar, limitados. É um mundo imediato. Como que evidente por si mesmo, sem questionamentos, o presente – o meio social com que se está acostumado e que sempre permanece o mesmo, a vida psíquica, o sentir e desejar próprios – é tomado como sendo o único. (JASPERS, 1960, p.171)²⁵

²⁴ “Das unmittelbar gegenwärtig erlebte Weltbild ist der Ausgangspunkt für alle weiteren”.

²⁵ “Wir leben in einer Welt des Verstandenen und Verstehbaren, ohne es zu wissen, unkritisch, uns nicht kontrollierend, begrenzt. Es ist eine unmittelbare Welt. Wie selbstverständlich, ohne zu fragen, wird die

Obviedade, incontestabilidade, intuitibilidade são características do modo primário de experiência de mundo, de *meu* mundo. Isso não significa que esteja sempre de acordo com tudo que se passa ao meu redor, e que aceito tudo sem resistências. De maneira alguma a ausência de questionamento implica a impossibilidade de imaginar outros caminhos e outras situações, de refletir sobre outras possibilidades, relativizando, assim, de alguma maneira, as coisas e a vida atual, abrindo novos horizontes. Entretanto, o ato de imaginar, de pensar, de descobrir e vislumbrar outras possibilidades já ocorre dentro de uma estrutura, de um determinado “horizonte” [Horizont], de uma certa “imagem de mundo, de uma “clausura” [Gehäuse] cujos limites e dimensões permanecem desconhecidos e inconscientes.

Vivemos permanentemente em uma tal clausura. De modo totalmente involuntário, consideramos como absoluto o extremo horizonte de nossa imagem de mundo. Nossa imagem de mundo é sempre, de alguma forma, algo óbvio. E por mais que possamos reconhecer coisas particulares como relativas, nós sempre vivemos com essa obviedade, de um modo ou de outro, em uma clausura da qual não podemos sair. A parte do mundo que possuímos como imagem de mundo, impomos como sendo o todo. Certamente podemos, por meio do conhecimento, romper nossa imagem de mundo vivenciada, mas, então, também nosso conhecimento nos torna irresistivelmente repleto de preconceitos. O que está do lado de lá não vemos, pois nem sequer presumimos. (JASPERS, 1960, p.141s)²⁶

Gegenwart, das gewohnte und sich immer gleichbleibende soziale Milieu, das eigene Seelenleben, Fühlen und Wünschen für das einzige gehalten.”

²⁶ “Wir leben immerfort in einem solchen Gehäuse. Den äußersten Horizont unseres Weltbildes halten wir ganz unwillkürlich für einen absoluten. Unser Weltbild ist uns immer irgendwo und irgendwie letztlich selbstverständlich. Und mögen wir auch noch so viel Einzelnes als relativ erkennen, wir leben doch mit dieser Selbstverständlichkeit schließlich irgendwie in einem Gehäuse, aus dem wir nicht hinauspringen können. Unwillkürlich setzen wir den Teil der Welt, den gerade wir als Weltbild besitzen, für das Ganze. Wohl vermögen wir über unser erlebtes Weltbild mit dem Wissen hinauszudringen, aber dann macht uns auch unser Wissen unwiderstehlich vorurteilsvoll: Was darüber hinaus liegt, das sehen wir nicht, weil wir es nicht einmal ahnen.”

O termo “Gehäuse” já havia sido utilizado por Max Weber, por exemplo, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Esse conceito, que representa um papel central na *Psychologie der Weltanschauungen*, de Jaspers, oferece dificuldades de tradução. A tradução espanhola (Jaspers, 1967) optou por “envolturas”; a italiana por “involucro” (JASPERS, 1950). Optamos por “clausura”, pensando na ideia de “enclausuramento”, que expressa bem aquilo que Jaspers pretende designar. Vale a pena lembrar-se aqui da gravura de Albert Dürer *Der heilige Hieronymus im Gehäuse*, de 1514, em que representa São Jerônimo em sua *vita contemplativa*, enclausurado em seu quarto (*Gehäuse*, em alemão).

Para Georg Lukács, a ideia de *Gehäuse* é um dos principais objetos de sua crítica à filosofia da existência de Jaspers. Jaspers “vai muito além que seus antecessores no relativismo radical da filosofia da vida. Tudo que é objetivo no conhecimento, ele caracteriza com a irônica expressão depreciadora *Gehäuse*, em que [...] toda objetividade aparece como algo paralisado e morto”. A consequência inevitável dessa concepção jasperiana é, para Lukács um radical “subjetivismo”, a veneração de um “indivíduo totalmente entregue a si”. Assim, Jaspers pertence, juntamente com Heidegger, ao rol dos representantes de um

Sem dúvida tentamos, por vezes, romper a “imagem de mundo” em que estamos “enclausurados”; esforçamo-nos, procurando identificá-la, explicitá-la, estudá-la; empenhamo-nos em conhecer e em nos relacionar com outras “imagens de mundo”, com outras culturas, com outros modos de vida, com outras maneiras de ver a coisa. Mas, pelo menos para Jaspers, todos esses empreendimentos, por mais frutíferos que sejam, não são capazes de eliminar por completo nossos “prejuízos” [Vorurteile] e nos libertar totalmente de nossa visão de mundo. Pois, aquilo que está além dela, além da “clausura” [Gehäuse] em que estamos aprisionados, não só não vemos, como nem sequer suspeitamos.

4. Além das esferas “sensitiva-espacial” e “psíquica-cultural”, Jaspers nos apresenta a dimensão “metafísica” das “imagens de mundo”²⁷. Por “metafísico” [metaphysisch] não devemos entender, aqui, eventos etéreos, que nada têm a ver com nossa vida cotidiana; nem doutrinas alheias à realidade e às quais recorreremos, vez por outra, a fim de explicar eventos que escapam à nossa capacidade racional. Não se trata, além disso, de uma esfera privilegiada, superior e totalmente independente das outras “imagens de mundo”. Assim como ocorre nas esferas sensitiva e cultural, a “imagem de mundo metafísica” [metaphysisches Weltbild] deve ser compreendida como uma dimensão da realidade.

É importante observar que na *Psicologia das Visões de Mundo* dois sentidos de “metafísica” estão intimamente entrelaçados. De um lado, ela surge no contexto da “situação fundamental” do ser humano, relacionada, portanto, com a “cisão-sujeito-objeto”, o *ir-além*, a busca por “apoio” etc. De outro, o “metafísico” é empregado para denominar uma “separação” [Trennung] que ocorre inevitavelmente quando o homem busca expressar suas vivências na dimensão “metafísica”, acabando por criar doutrinas que explicam e respondem às suas demandas.

“subjetivismo parasita” (LUKÁCS, 1962, p.389 e 453s). De certo modo, Lukács compreendeu bem a exposição de Jaspers, e boa parte de suas observações são acertadas. O pensamento de Jaspers que, para Lukács, participa decisivamente da “destruição da razão” no século XX, torna-se, entretanto, ainda mais instigante quando consideramos que Jaspers, além de filósofo, foi um renomado cientista e autor de uma obra científica (*Psicopatologia Geral*) que, ainda hoje, desfruta de grande reconhecimento.

²⁷ “Metafísica” é um conceito fundamental na filosofia de Karl Jaspers. Em sua *Philosophie* (1932), após os dois primeiros volumes que constituem a obra – *Orientação Filosófica no Mundo e Esclarecimento da Existência* –, o último é intitulado justamente *Metafísica* e se dedica basicamente à ideia de “cifras”, de “transcendência”, do “ser em fracasso”.

Enquanto uma “condição” fundamental da vida humana, a “imagem de mundo metafísica” poderia sugerir uma espécie de disposição mística, ou um “sentido e gosto pelo infinito” (Schleiermacher), ou mesmo uma “eterna e indestrutível carência metafísica” (Burckhardt) do ser humano. Embora, a partir de uma postura fenomenológica, tais leituras fossem possíveis, elas possuem uma carga teológica ou religioso-filosófica que pode facilmente levar a mal-entendidos e distorcer o que está em jogo na *Psicologia das Visões de Mundo*.

“Metafísica” está, como aventamos, intrinsecamente ligada à “cisão-sujeito-objeto” e com a vivência humana de “algo que vai além” da “situação” em que ela se encontra, relacionando-a com um “todo”. É claro que, na maioria das vezes, nas inúmeras situações que experimentamos cotidianamente, isso não se dá de maneira refletida. Todavia, por mais insignificante que seja, minha atividade faz parte de um “todo” que, finalmente, concede a ela um sentido. Não no ser humano, portanto, encontra-se esse “metafísico”. Antes, ele brota da própria “situação fundamental” em que a vida humana está posta. Enquanto ser finito e rodeado por outros entes, o homem se move inevitavelmente “em direção ao *todo* (ou a totalidade) e ao *absoluto* (ou incondicional, *último*)” (JASPERS, 1960, p.184)²⁸.

A estrutura espiritual humana é tal que o absoluto é, por assim dizer, um lugar para o homem no qual ele inevitavelmente tem que colocar algo, ainda que o faça de um modo prático, sem saber para si, em sua vida, ou também de modo pensado, de uma forma consciente. Ele precisa colocar algo aí (psicologicamente ele não pode fazer outra coisa), seja o nada, ou a tese de que não há nenhum absoluto. (JASPERS, 1960, p. 184s)²⁹

Com Jaspers, podemos afirmar que o homem está como que ancorado no “metafísico”. O homem sente-se “seguro, como em sua pátria” [geborgen, beheimatet], já que todas suas experiências, tudo com que ele lida e se confronta está “emergido em um metafísico e atravessado pelos raios do metafísico. Não há nada para ele no qual e

²⁸ “[...] auf das *Ganze* (oder die Totalität) und auf das *Absolute* (oder das Unbedingte, Letzte)”.

²⁹ “Die menschliche Geistesstruktur ist so, daß das Absolute gleichsam ein Ort für den Menschen ist, an den er unvermeidlich etwas stellen muß, mag er es praktisch, ohne es für sich zu wissen, in seinem Leben, oder denkend auch für sein Bewußtsein tun. Er muß (psychologisch kann er nicht anders) etwas dahin stellen und sei es das Nichts, sei es die These, es gäbe kein Absolutes.”

através do qual ele não tenha contato direto com o absoluto. O absoluto é onipresente e penetra tudo”(Ibid., p. 188)³⁰.

O “metafísico”, portanto, não é algo que deva ser procurado fora de nossa situação, que esteja “além do concreto” [über das Konkrete hinaus], num “transmundo” [Hinterwelt], mas uma “esfera” em que estamos imersos enquanto seres existentes. Desse modo, não se pode dizer que aqui “surge um mundo desprendido, que seria o metafísico, mas sim tudo que é é também metafísico. Enquanto vivemos, já vivemos, imediatamente, no metafísico, e não necessitamos, em parte alguma, dar um salto a um [mundo, GB] desconhecido (Jaspers, 1960, p. 188)³¹.

Essa concepção de “metafísica” ou, como Jaspers prefere exprimir nesse contexto, de “metafísico” se aproxima muito do que ele denomina “apoio no infinito” [Halt im Unendlichen]. A expressão traz consigo, sem dúvida, algo de contraditório. Como é possível se apoiar no infinito? Para servir de apoio, algo não precisaria se materializar, se converter em algo sólido e palpável, enfim, se tornar “finito”? Essa é uma das grandes questões com que Jaspers nos confronta em sua *Psicologia das Visões de Mundo*. De um lado, as “situações-limite” nos mostram claramente que não há “nada sólido”, nenhum “absoluto indubitável”, nenhum “apoio”; de outro lado, o ser humano almeja segurança e solidez, certezas e garantias. Ou seja, ele anela por uma “clausura” que o proteja. “Há em nós um impulso de que algo deve ser definitivo e acabado. Algo deve ser ‘correto’, um modo de viver, uma imagem de mundo, uma hierarquia de valores. O homem rechaça viver sempre somente de renúncias e incertezas (Ibid., p.304).

Se de um lado, as “situações-limite” nos confrontam com nossa finitude, com nossa condição humana, com nossa existência, como dirá Jaspers mais tarde³²; de outro, tendemos constantemente a negar essa condição, a evitar esse confronto, a fugir de nossa existência. “Como existência concreta o homem não pode deixar seu ser, mas, sim, tornar-se nele mesmo histórico, enquanto o toma como infinitamente importante em sua concretude”. Não há como o ser humano “se salvar [de tal antinomia, GB] no

³⁰ “[...] ist diesem Menschen eingetaucht in ein Metaphysisches, ist durch einen Strahl des Metaphysischen durchleuchtet”. Es gibt nichts für ihn, in dem und durch das er nicht direkte Berührung mit dem Absoluten hat. Das Absolute ist allgegenwärtig und alldurchdringend”.

³¹ “Es entsteht keine losgelöste Welt, die die metaphysische wäre, sondern alles, was ist, ist auch metaphysisch. Indem wir leben, leben wir schon unmittelbar im Metaphysischen und bedürfen nirgends eines Sprunges in ein Fremdes”.

³² “Experienciar situações-limite e existir é o mesmo” (JASPERS, 1994, *Philosophie II*, p. 204).

universal, sem perder sua existência viva; nem no individual de seu ser particular, sem perder o espírito vivo” [Ibid., p. 380]³³.

Nesse sentido, o termo “metafísica” qualifica frequentemente, na *Psicologia das Visões de Mundo*, formulações, construções e narrativas que, desprendidas de suas vivências originárias, acabam por sugerir a existência de um “outro mundo” [andere Welt] ou por converter-se em princípios ou em um sistema de ideias que inibem e impedem os “processos que colocam tudo em questão, que faz com que tudo seja superado enquanto algo meramente finito [...]” (JASPERS, 1960, p.304).³⁴ Nesse momento ocorre uma “separação” que passa a determinar a “estrutura fundamental da imagem de mundo” (Ibid., p.189)³⁵ – uma “separação” entre o “concreto” e o “todo”, entre o puro e o impuro, entre o “além-de” [*Jenseits*] e o ceterior [*Diessets*], entre, de um lado, o que é fugaz, indiferente, finito, insignificante, mas que constitui nossas vivências concretas; de outro, o que seria “autêntico” [eigentlich], permanente, essencial, infinito.

Jaspers promete, já na introdução a sua obra, não oferecer respostas sobre como devemos viver, sobre decisões que devemos tomar, sobre posições que devemos assumir. De fato, ele não o faz explicitamente. Todavia, não esconde também certa atitude crítica com relação à essa “separação” que tem suas origens na própria “imagem de mundo metafísica” enquanto parte da condição humana. Não apenas as “situações-limites”, mas as situações concretas e passageiras que formam o cotidiano perdem seu significado e importância. O homem dá as costas para o mundo concreto, fragmentado e efêmero, em busca de autenticidade, de valores perenes, de experiências substanciais. Ele “quer ser *verdadeiro, real e autêntico*” (JASPERS, 1960, p. 288s)³⁶. Mas tudo isso não passa de uma ilusão, melhor dizendo, um “pathos” que reflete, para Jaspers, uma clara tendência ao niilismo – ou um inevitável *fracasso da metafísica*?

³³ “Als konkrete Existenz kann der Mensch sein Dasein nicht verlassen, sondern nur in ihm selbst historisch werden, indem er es in der Konkretheit unendlich wichtig nimmt. [...] Der Mensch kann sich daraus nicht ins Allgemeine retten, oder er verliert dann die lebendige Existenz, nicht ins Individuelle seines Einzeldaseins, oder er verliert den lebendigen Geist.”

³⁴ “Den Prozessen, die alles in Frage stellen, die alles als ein bloß Endliches überwinden lassen [...]”

³⁵ “[...] die Grundstruktur des Weltbildes”.

³⁶ “Der Mensch will wahrhaftig, will wirklich, will echt sein”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADAMER, H. G. Kants ‘Kritik der reinen Vernunft’ nach 200 Jahren. “Von hier und heute geht eine neue Epoche der Weltgeschichte aus” (1981). In: *Neuere Philosophie II: Probleme, Gestalten. Gesammelte Werke. Vol. 4.* Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), p. 336-348, 1987.

HEIDEGGER, M. *Wegmarken.* Gesamtausgabe, vol.9. F.W. von Herrmann (org.). Frankfurt a. M.: Vittorio Klostermann, 1996.

_____. Notas sobre “a psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers. In: *Marcas do Caminho.* Trad. Enio P. Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, p. 11-55, 2008

JASPERS, K. *Allgemeine Psychopathologie.* 4ª ed. Berlin: Springer, 1946.

_____. *Allgemeine Psychopathologie. Ein Leitfaden für Studierende, Ärzte und Psychologen.* Berlin: Springer, 1913.

_____ & HEIDEGGER, M. *Briefwechsel. 1920-1963.* Org. W. Biemel e H. Saner. Frankfurt a. M., München, Zürich: Piper, Klostermann, 1990.

_____. *Psicología de las concepciones del mundo.* Trad. Mariano Marín Casero. Madrid: Editorial Gregos, 1967.

_____. *Psicologia delle visioni del mondo.* Trad. Vincenzo Loriga. Roma: Casa Editrice Astrolabio, 1950.

_____. *Psychologie der Weltanschauungen.* Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag, 1960 (orig. 1919).

_____. *Philosophie.* Vol. I: *Philosophische Weltorientierung;* vol. II: *Existenzerhellung;* vol. III: *Metaphysik.* München, Zürich: Piper Verlag, 1994 (orig. 1932).

_____. *Von der Wahrheit. Philosophische Logik.* Bd. 1. 4ª edição. München, Zürich: Piper Verlag, 1991 (orig. 1947).

LUKÁCS, G. *Die Zerstörung der Vernunft.* Georg Lukács Werke, vol. 9. Neuwied, Berlin: Hermann Luchterhand Verlag, 1962.

MARCUSE, H. *Philosophie des Scheiterns* (1933). In: SANER, H (org.). *Karl Jaspers in der Diskussion.* München: Piper Verlag, p.125–132, 1973.